

26 a 28  
Outubro  
2017  
SÃO PAULO

# XXII Colóquio Heidegger

Variedades da Intencionalidade: Transcendência e Acontecimento

UNIFESP - Hospital do Rim



**CADERNO DE RESUMOS**

# XXII Colóquio Heidegger

Variedades da Intencionalidade: Transcendência e Acontecimento

## Caderno de Resumos

EDITORES

Brenda Rossi Anhaha

Juliano Beppler Pavin

Rafael Bortoluzzi Massaiol

Róbson Ramos dos Reis

São Paulo, Outubro de 2017

#### COMISSÃO ORGANIZADORA

Alexandre Ferreira, UNIFESP

Eder Soares Santos, UEL

Róbson Ramos dos Reis, UFSM

Tito Marques Palmeiro, UERJ

#### COMISSÃO CIENTÍFICA

André Duarte, UFPR

Edgar Lyra Neto, PUCRJ

Fernando Fragozo, UFRJ

Marco Antônio Casanova, UERJ

#### EDITORES

Brenda Rossi Anhaha

Juliano Beppler Pavin

Rafael Bortoluzzi Massaiol

Róbson Ramos dos Reis

# Programação

## 26 OUTUBRO

08:30 – 10:00 **Inscrições e abertura**

10:00 – 12:00 **Conferência**

Irene Borges Duarte (Universidade de Évora, Portugal):  
A apropriação propícia – pensar e amar como acontecimento  
em Heidegger

Coordenação: Alexandre Ferreira

14:30 – 16:00 **Mesa 1**

Sandro Sena (UFPE): A existencialidade da memória  
Róbson Ramos dos Reis (UFSM): Dasein infantil:  
fenômeno intermediário ou determinação existencial?

Coordenação: Marco Casanova

16:30 – 18:00 **Mesa 2**

Edgar Lyra (PUCRJ): Heidegger e a noção aristotélica de topos:  
vereda retórica na era técnica

Eder Soares Santos (UEL): Daseinsanálise como um caminho  
para o pensar e o experienciar

Coordenação: Paulo Cesar Duque Estrada

## 27 OUTUBRO

08:30 – 10:00 **Comunicações Anfiteatro, Salas 1 e 2**

10:00 – 12:00 **Mesa 3**

Marco Antônio Casanova (UERJ): Historicamente habita o  
homem sobre a terra: Heidegger e a essência hermenêutica da  
intencionalidade

Paulo Cesar Duque Estrada (PUCRJ): Não mais contar histórias:  
questão do ser e historicidade radical

Coordenação: Sandro Sena

**14:30 – 16:00 Mesa 4**

Tito Marques Palmeiro (UERJ): Intencionalidade e a transposição do pensamento

Roberto Wu (UFSC): Transcendência originária e possibilitação: sobre o problema da intencionalidade na ontologia fundamental

Coordenação: Nelson de Souza Júnior

**16:30 – 18:00 Conferência**

Bernardo Aïnbindler (Univ. Diego Portales, Santiago de Chile): Modo de ser y forma de vida

Coordenador: Róbson Ramos dos Reis

## **28 OUTUBRO**

**08:30 – 10:00 Comunicações Anfiteatro, Salas 1 e 2**

**10:00 – 12:00 Conferência**

Christophe Perrin (Louvain): Les Cahiers noirs ou l’Ereignis de la philosophie

Coordenação: Tito Marques Palmeiro

**14:30 – 16:00 Mesa 5**

Alexandre de Oliveira Ferreira (UNIFESP): Transcendência e liberdade em Heidegger e Cassirer

Nelson de Souza Júnior (UFPA): Mundo, corpo e receptividade: limites da Metafísica do Ser-ai

Coordenação: Edgar Lyra

**16:30 – 18:00 Conferência**

Bernhard Sylla (Universidade do Minho, Portugal): A esperança depositada na linguagem – fenómeno passageiro?

Coordenação: Eder Soares Santos

**18:30 Encerramento**

# Conferências

Bernardo Ainbinder

## Modo de ser y forma de vida

El sentido preciso de la expresión “modo de ser” en Heidegger ha dado lugar a una interesante discusión (McDaniel 2009, 2012, Boeneker 2005, Hartmann 1972, Golob 2014, Dos Reis 2015). La misma se concentra fundamentalmente en dos preguntas: ¿Es la distinción entre modos de ser una distinción metafísica, de modo que todo lo que detenta un modo de ser es numéricamente diverso de todo lo que detenta otro? y ¿Coincide la pregunta por los modos de ser con la pregunta por los modos de aprehensión del ente? Como es sabido, en los *Grundbegriffe der Metaphysik*, de 1929/30, Heidegger introduce un nuevo modo de ser al listado provisto en *Sein und Zeit*, a saber, el modo de ser de la vida (*Leben*), a partir de su análisis de los seres orgánicos. Gran parte del trabajo de Heidegger allí consiste en mostrar por qué el modo de ser de la vida no puede reducirse al modo de ser de lo Vorhanden ni de lo Zuhanden, por un lado, y por qué, a su vez, el modo de ser del Dasein no puede reducirse ni identificarse con el modo de ser de la vida. En cuanto a lo primero, Heidegger reproduce el gesto kantiano en los párrafos 64 y 65 de la *Kritik der Urteilskraft* acerca de la imposibilidad de una aprehensión del organismo como ente material y como artefacto. Sin embargo, allí donde Kant identifica una proximidad entre el organismo como fin natural y la propia actividad de nuestra mente (Ginsborg 2015), Heidegger rechaza tal identificación y plantea un abismo ontológico entre el modo de ser del animal y el del Dasein. Ello parece traer aparejados una se-

rie de problemas. En esta presentación me concentraré en dos: 1. aquel que concierne a la dificultad para dar cuenta del modo en que somos capaces de aprehender los organismos biológicos como tales, ya que su comprensión parece exigir el uso de la analogía y la modificación privativa a partir de una comprensión de nosotros mismos; 2. aquel que remite a la pregunta acerca del modo en que nuestro cuerpo es o no un cuerpo orgánico o, dicho de otro modo, la pregunta por el modo en que la existencia transforma la organicidad de nuestro cuerpo y las condiciones bajo las cuales ello es posible. Ello parece poner en entredicho el tratamiento heideggeriano del pluralismo ontológico en SZ ya que el cuerpo debe ser al mismo tiempo cuerpo existente y cuerpo orgánico. Procederé del siguiente modo: en la primera sección, presentaré el problema general del pluralismo ontológico y la novedad que supone la introducción de la vida en GA 29/30. En segundo lugar, reconstruiré el peculiar tipo de distinción ontológica que Heidegger esboza en GA 29/30, en estrecha relación con una cierta lectura de Kant y su noción de fin natural. En la tercera sección, me ocuparé del primero de los problemas mencionados y en la cuarta del segundo de ellos. Finalmente, propondré un esbozo de solución basado en una noción aristotélica de forma de vida que puede hallarse por ejemplo en el trabajo de Michael Thompson (2007).

Bernhard Sylla

### **A esperança depositada na linguagem – fenómeno passageiro?**

Que a viragem do pensamento heideggeriano está em estreita correlação com a importância dada à linguagem, não constitui novidade na investigação sobre Heidegger. Também é sabido que a linguagem, segundo Heidegger, desempenha um papel crucial no que diz respeito à questão se é possível resgatar o ser do seu esquecimento total. Por vezes, Heidegger formula este papel de uma forma apodíctica que contrasta com o seu dito sobre a função do derradeiro deus: *já só* a linguagem é capaz de nos salvar. Partindo desta premissa, focarei na primeira parte da minha análise um aspeto particular, e pouco discutido na investigação sobre Heidegger, do modo como este pensa a linguagem ‘autêntica’ capaz de salvar a humanidade: por um lado, H. evoca frequente e sistematicamente a necessidade de ouvir a verdadeira linguagem, de lhe obedecer ‘docilmente’, assim como da necessidade de se prepa-

rar para a sua vinda e o seu *Geschick*. Por outro lado, H. não se contenta com uma atitude meramente ‘passiva’, mas usa o material autêntico da linguagem de uma forma sofisticada e seguindo estratégias racionais, embora heurísticamente opacas, para irradiar (e inculcar?) uma nova forma de falar e com isto um novo modo de pensar. Em suma, é preciso conjugar obediência e subalternidade com a máxima criatividade e um poder transformacional, conjugação essa que, de acordo com Rorty, apenas os ‘poetas e filósofos fortes’ são capazes de ‘obrar’. Na segunda parte da minha apresentação, quero lançar uma tese a título de uma mera presunção ou hipótese de trabalho. Partindo da conjuntura filosófica atual da segunda década do século XXI, parece-me lícito constatar dois ‘factos’: (i) a esperança depositada no poder transformacional da linguagem é um aspeto comum de um número considerável de filosofias do século passado, podendo a articulação desta esperança ser compreendida como uma variação sobre o mesmo tema, sendo a articulação que Heidegger elaborou uma entre outras variantes; (ii) parece-me que a atração deste tema, i.e. a esperança associada ao potencial utópico da linguagem, se esgotou no início do século XXI. Há vários sinais que dão a entender que o *fazer tecnológico* vai ocupando paulatinamente o lugar da instância ‘linguagem’ como *topos* à volta do qual se questionam os novos desafios sociais. Esta substituição chega, por vezes, a negar à linguagem um qualquer poder transformacional, substituindo-a pela coligação entre ‘imagem’ e ‘tecnologia’.

Christophe Perrin

### Les *Cahiers noirs* ou l'*Ereignis* de la philosophie

Que les *Cahiers noirs* soient des ouvrages de philosophie, voilà bien ce dont, depuis le début de leur parution, chacun peut d'emblée douter. Ces bloc-notes définis par la couleur de leur moleskine ne relèvent-ils pas en effet plus du carnet que de l'essai, du livret que du traité ? Qui plus est, les tomes de ce journal intime tenu plus d'une dizaine d'années durant ne renferment-ils pas des opinions plus que des réflexions, pour ne pas dire des préjugés plutôt que des pensées ? Ne sont-ils pas l'œuvre, d'ailleurs, d'un auteur qui ne s'est jamais voulu philosophe et qui, en de sulfureux passages, n'a semblé-il pas toujours tenu à passer pour un sage ? S'ils ont assurément fait couler



beaucoup d'encre, à commencer par celle, noire, de Heidegger, constituent-ils pour autant une page blanche dans l'histoire de la philosophie ? Telle est la question à laquelle nous voudrions répondre ici par la négative en raison de la riche réflexion qui s'y voit développée quant au sens et à l'essence même de la philosophie, au point d'ailleurs qu'il n'est pas impossible de les considérer, d'un point de vue thématique, comme l'*Ereignis* de la philosophie sous la plume heideggérienne. Or, quoi de plus philosophique au fond qu'un discours qui, quelle que soit sa forme, porte sur la philosophie ?

Irene Borges Duarte

### A apropriação propícia – pensar e amar como acontecimento em Heidegger

A radicalização da problemática fenomenológica da intencionalidade atinge o seu clímax no conceito de *Ereignis*, que não tivera lugar em *Ser e Tempo*, mas constitui o cerne da meditação dos *Beiträge*. Nele está pensado o tempo cairológico do mútuo apropriar-se do ser e do aí em que toma forma: o erigir-se dos humanos em ser-o-aí (do ser) no instante propício do mais próprio dar-se do ser. O acontecimento desta apropriação recíproca manifesta-se de muitas maneiras: em palavra, gesto, acto, obra. Mas, no último Heidegger, tem a sua máxima expressão naquilo a que chama «pensar»: o «pensar-propício» (*Ereignis-Denken*), aquele que não é calculador nem metafísico, que é «outro» relativamente ao já sido, filosoficamente desenrolado, e que, em última instância, é um gostar (*mögen*) de ser (do ser), que torna possível (*möglich*) e grato (*dankend*) o novo, que só assim pode propiciar-se. O mesmo acontece no amor, enquanto apropriação que expropria e é apropriado para a diferença. O presente trabalho explora este vínculo entre pensar e amar, como âmbito propício ao acontecimento do novo e defende a sua irredutibilidade à concepção inicial de qualquer objecto intencional.

# Palestras em Mesas

Alexandre Ferreira

## Transcendência e liberdade em Heidegger e Cassirer

Retomarei a discussão entre Heidegger e Cassirer em Davos mostrando, primeiramente, alguns pontos em comum entre eles. Ambos os filósofos tomam o ser como ponto de partida da filosofia, recusando a pensá-lo a partir da categoria tradicional da substância. Para eles o ser é pensado mediante um horizonte transcendental de sentido no interior do qual os entes se mostram a nós segundo determinados modos de ser. Ao contrário de Kant e Husserl, tanto Heidegger como Cassirer acreditam que a irrupção da abertura transcendental de sentido não depende da existência de um sujeito constituinte. Entretanto, os dois pensadores diferem radicalmente no que diz respeito à origem dessa abertura. Para o Heidegger de *Ser e Tempo*, o horizonte transcendental emerge da temporalidade do ser-aí, ao passo que para Cassirer ele é constituído pelas produções simbólicas da cultura. Assim, temos duas relações distintas entre transcendência e liberdade. Em Heidegger a transcendência se dá na ultrapassagem do ente em direção ao seu ser, o que implica na assunção da finitude humana como lugar do entendimento do ser. Assim, o transcender permite libertar-se para a finitude do ser-aí como única possibilidade de ser si-mesmo. Para Cassirer, ao contrário, a transcendência implica em libertar-se da finitude em direção ao temporal que se mostra nas formas simbólicas. A pergunta que se coloca é: apenas uma dessas formas de liberdade é “correta” ou somos livres para transitar entre elas?

Edgar Lyra

## Heidegger e a noção aristotélica de *topos*: vereda retórica na era técnica

A apresentação traz os resultados iniciais de uma investigação sobre a noção de *topos*, pensada em eixo de articulação entre as obras de Heidegger e Aristóteles. É exemplar a epígrafe de *Arte e Espaço*, opúsculo escrito por Heidegger em 1969. Tendo se dedicado nos anos 1920 a estudo invulgar dos conceitos fundamentais da filosofia de Aristóteles, o alemão cita ainda ao final de sua vida o livro IV da *Física*: “Mas *topos* parece ser algo tremendo e difícil de apreender”. Enfim, ainda que o *corpus aristotélico* tenha sido lido e relido pelo autor de *Ser e Tempo*, parece não haver momento das *Obras reunidas* em que a noção de *topos* tenha recebido atenção mais explícita, à altura da sua importância para um pensamento que vai da “fenomenologia hermenêutica” à “topologia do Ser”. A noção está presente não apenas na *Física*, mas na *Ética* a *Nicômaco*, no *Órganon* e, entre outros textos, na *Retórica*, sugerindo que também *topos* “se diz de vários modos”. A intenção é priorizar a acepção retórica do termo – a de *lugar-comum discursivo* – e, partindo de direções hermenêuticas espalhadas pela obra de Heidegger, explorar a *Retórica* em nova chave interpretativa, promissora face aos desafios discursivos que caracterizam a era técnica. A hipótese mais forte considera a possibilidade do *enquadramento técnico* contemporâneo (*Gestell*) ser pensado em termos de uma regulação tópica, de uma *toponomia*, o que ajudaria na colocação em questão dos seus ditames.

Eder Soares Santos

## Daseinsanálise como um *caminho para o pensar e o experienciar*

O objetivo desta apresentação é mostrar que a Daseinsanálise, enquanto ciência do homem, pode tanto ser conduzida de forma a levar o analisando em uma terapia Daseinsanalítica ao exercício de uma serenidade, conduzindo-o a busca e investigação do seu próprio sentido de ser-homem no mundo, transformando-o em Da-sein. Como pode ser conduzida no sentido de uma ciência da experiência, rigorosa porém não exata, em que o analista não exerce ontologia fundamental, mas orienta-se pela existência concreta

do homem cotidiano num mundo dominado por uma compreensão da existência que é calculadora e calculável, dominada por uma vontade técnica.

Marco Antônio Casanova

**“Historicamente habita o homem sobre a terra:  
Heidegger e a essência hermenêutica da intencionalidade”**

O objetivo do presente trabalho é antes de tudo sondar em que medida a noção de intencionalidade continua vigente no interior do pensamento tardio de Heidegger, antes de tudo em meio a noções como as de época, de envio destinal, de acontecimento apropriador e de história do ser. Para realizar tal objetivo, empreenderemos de início uma apresentação do constitui propriamente a noção de intencionalidade em Husserl, para em seguida mostrarmos a transformação pela qual essa noção passa em meio ao projeto de uma fenomenologia hermenêutica em Heidegger. Em seguida, procuraremos tratar de maneira crítica das inconsistências que acompanham tal transformação em sua versão inicial, a fim de nos aproximarmos justamente do que torna necessária a viragem heideggeriana rumo ao pensamento do ser. Por fim, o que nos interessará será precisamente mostrar em que medida a viragem não significa um abandono de uma intencionalidade pensada de maneira hermenêutica, mas antes uma radicalização de tal modo de pensar a intencionalidade

Nelson de Souza Júnior

**Mundo, corpo e receptividade: limites da Metafísica do Ser-aí**

No final da década de 20, no que concerne à intensificação da “Metafísica do Ser-aí”, a característica primal do “mundo” ocorre enquanto “manifestação do ente na totalidade”, com todos os seus desdobramentos. Dentre eles, o aspecto diretivo da “formação” de Mundo assume, sem dúvida, um lugar central para o alcance dos limites mais precisos do projeto heideggeriano, nesse anos. Melhor exprimindo, a vincularidade fenomenológica entre “Mundo”, “Liberdade” e “atencionalidade” põe o corpo e, mais frontalmente” a “corporeidade” como uma dimensão a ser tematizada e posicionada.

Paulo Cesar Duque Estrada

### **Não mais contar histórias: questão do ser e historicidade radical**

Com base no texto do curso de 1964-1965 de Jacques Derrida sobre Heidegger - Heidegger: la question de l'Être et l'Histoire -, publicado em 2013, pretende-se voltar a atenção sobre o movimento, que se abre com a ontologia fundamental e se mantém ao longo de todo o desenvolvimento posterior da obra de Heidegger: movimento de ruptura com a ontologia (que pensa apenas a entidade do ente), em direção à verdade do Ser (que diz respeito à entidade em geral). Ao pensar o ser do ente enquanto ente, a ontologia, como diz Heidegger na Carta sobre o humanismo, “reduz o ser ao conceito; e, por esta razão, ela não pensa a verdade do Ser, desconhecendo-se, assim, enquanto pensamento mais rigoroso que o pensamento conceitual.” O trabalho de Destruktion da ontologia deve assumir, portanto, uma linguagem que suspenda todo o “contar de histórias sobre o ente”, e se engaje na “apreensão do ente em seu ser.” No dizer de Derrida, será preciso uma linguagem que rompa com a linguagem romanesca da filosofia enquanto metafísica e onto-teologia. Somente assim será possível satisfazer a historicidade radical da questão do ser (e não da ontologia).

Roberto Wu

### **Transcendência originária e possibilitação: sobre o problema da intencionalidade na ontologia fundamental**

O conceito de intencionalidade é geralmente tomado como a noção basilar de qualquer projeto fenomenológico, o princípio em relação ao qual não é possível realizar um novo recuo sem descaracterizar seu matiz fenomenológico. Sendo assim, causa certa estranheza que Heidegger tenha afirmado textualmente a sua importância em diversas ocasiões sem, contudo, explorar detalhadamente as transformações e possibilidades desse conceito em vista do projeto da ontologia fundamental, apesar de fornecer o instrumental conceitual necessário para isso. Por outro lado, a bibliografia secundária tem se contentado, de modo geral, em identificar a singularidade da noção de intencionalidade, tal como oferecida por Heidegger, em contraposição a outros autores, como Brentano e Husserl, remetendo-a à

estrutura fundamental de ser-no-mundo e a sua temporalidade correlativa. A apresentação propõe uma elucidação da potencialidade da noção de intencionalidade, por meio de uma descrição de nexos intencionais através de uma radicalização de conceitos da ontologia fundamental, em especial, das noções de facticidade e possibilitação, que serão discutidas no contexto das relações entre os modos de ser. Dito de outro modo, investiga-se se a chamada pluralidade ontológica em Heidegger implicaria modos de ser e, por consequência, visadas necessariamente excludentes, tal como parece ser, por exemplo, a relação entre *Vorhandenheit* e *Zuhandenheit*, ou alternativamente, se modos de ser podem ser intencionalmente concomitantes. A resposta para essa questão passará obrigatoriamente pela consideração da prioridade da possibilidade sobre a atualidade, que atravessa todos os modos de ser. Isso implicará analisar se a transcendência originária do *Dasein* (i.e. a compreensão de ser) consiste em sucessivas modificações de modos de intencionalidade correlatas a modos específicos de ser – cabendo à historicidade do *Dasein* unificar os diversos modos de encontro com o ente que o ser-no-mundo possibilita, ou se há uma intencionalidade de fundo, responsável pela unidade intencional e, contudo, distinta daquela das visadas consideradas individualmente.

Róbson Ramos dos Reis

### **Dasein infantil: fenômeno intermediário ou determinação existencial?**

No curso *Introdução à Filosofia* (1928/29), Heidegger reconheceu a especificidade do ser-aí infantil, que seria constituído por uma *Befindlichkeit* e uma situação específicas na abertura de fenômenos intencionais. Na presente comunicação elaboro o problema do estatuto ontológico do ser-aí infantil, examinando uma dupla perspectiva de interpretação. De um lado, a infância existencial pode ser interpretada como um fenômeno intermediário, no qual o modo de ser da existência seria codeterminante do desenvolvimento orgânico. De outro lado, a infância pode ser entendida como uma especificação própria na existência, que deveria ser elucidada de acordo com a concepção categorial da relação entre determináveis e determinados. Entendido como fenômeno intermediário, o conceito existencial de infância necessitaria da elaboração de uma abordagem mereológica no pluralismo

ontológico, ao passo que a elucidação da infância em termos de generalidade categorial permanece no âmbito exclusivo do modo de ser da infância. Por fim, será examinada a relação de compatibilidade entre as duas vias de interpretação do estatuto ontológico da infância na existência.

Sandro Sena

### A existencialidade da memória

Em seu ser, o ser-aí pode a infância, a juventude, a adultez e a velhice. As assim chamadas “fases da vida” se deixam compreender como possibilidades ontológico-existenciais. Acerca do caráter etário da existência, Heidegger escreveu quase nada. Escassas e pouco desenvolvidas reflexões sobre o tema, não as encontraremos em seus tratados, preleções, conferências ou escritos fenomenológico-hermenêuticos, mas em alguns breves discursos comemorativos dedicados aos familiares e amigos íntimos por ocasião dos seus aniversários de nascimento. De maneira livre, sem pretensões teóricas, como convém a esse tipo de expressão literária, dirigirá suas palavras apenas aos que chegaram à velhice, afirmando que esta “possui a sua própria lei e a sua própria verdade, e que isso vale para todas as idades da vida”, pois, “Se autêntica, cada fase de uma vida humana tem o seu próprio jeito consentâneo”, cabendo “reconhecê-las e distingui-las claramente”. O distintivo das idades avançadas, leria Heidegger para todos os homenageados, é o “vigor da recordação” (*Erinnerung*); a abertura (verdade) desse jeito de ser-no-mundo apresenta, pois, um cariz memorial. Reconstruir um conceito existencial de memória poderá, portanto, dar uma direção à busca pela existencialidade do envelhecimento, mas também, de modo indireto, à busca pelo próprio sentido ontológico-temporal das idades da existência. Tentarei tal reconstrução a partir de fragmentos, esboços e esquemas de obra deixados por um pensador, que de maneira tão diligente pensou o esquecimento.

## Intencionalidade e a transposição do pensamento

A Fenomenologia significou para o jovem Heidegger a promessa de uma nova interrogação radical em filosofia. Ele não discutiu essa promessa de maneira meramente teórica, afastada e neutra, mas o fez em uma experimentação. A discussão da intencionalidade em seus primeiros cursos de Friburgo é exemplar desse pensamento que pensa experimentando as possibilidades oferecidas pelo que se encontra em questão. É verdade que essa discussão foi decisiva para a colocação da questão do ser e para o surgimento do tema do cuidado, mas não se pode decidir ignorar aquilo que há de impasse na intencionalidade. Estudaremos a “produtividade negativa” da intencionalidade para o pensamento de Heidegger: o que ela impede ou dificulta, tanto para ele quanto para nosso acesso a ele. Veremos que o primeiro problema colocado reside na diretividade que ela institui para o pensamento, ao determiná-lo como associado a uma diretividade (*Worauf*) prévia em direção a seus objetos. Mas, para além dessa unilateralidade, o principal problema reside em que a intencionalidade impossibilita que o pensamento atinja o domínio do que lhe é propriamente essencial, e que consiste na possibilidade de se retomar. Ao abrir o pensamento ao mundo, a intencionalidade dificulta o acesso (tanto o de Heidegger, quanto o nosso) àquilo que é próprio do pensar, e que veremos ser da ordem de uma transposição (*Versetzung*). O objetivo de nossa comunicação é mostrar como Heidegger introduziu essa inesperada ideia de uma transposição em seus cursos iniciais ao discutir a intencionalidade, e, a partir disso, mostrar que esse elemento consiste naquilo que é mais próprio da atividade de pensar.





Ana Cecilia Ferreira

## A clínica infantil daseinsanalítica: narrativas brincantes

A presente comunicação objetiva refletir a prática da clínica infantil à luz da hermenêutica heideggeriana. Apesar de Heidegger não ter se ocupado mais detidamente com o universo infantil, em sua ontologia fundamental está traçada a compreensão de todo ser-no-mundo, na qual a criança está incluída. Portanto, a prática da clínica infantil daseinsanalítica busca compreender a criança como um ser-aí em um mundo compartilhado pelas histórias pregressas, narrativas de sentido do existir no presente, em um modo de ser permeado de anseios. O fazer terapêutico interpreta o mundo da criança pensando-o de acordo com a totalidade historicamente construída, analisando o seu existir a partir de seu campo de manifestação. Diante da condição humana de fragilidade, vulnerabilidade e desabrigo de cada ser-aí, também a criança cria a sua morada em seu existir. Deste modo, experiências dos atendimentos com crianças permitem entender que ela também sofre da dor do viver, do desamparo existencial, dos medos do abandono e de perder os pais, assim como dos conflitos entre gerações e irmãos, sentimento de não pertencimento, discriminações, culpas, vergonhas, frustrações, entre outros. A criança não existe desconhecendo o movimento de seu próprio existir, entretanto, é diferente do modo como o adulto o faz. Ela traz a si mesma de um modo peculiar, sendo o brincar o próprio recurso de vinculação e entendimento de mundo, que permite descobrir caminhos, fantasiar outras oportunidades e aos poucos desenhar novas possibilidades e práticas em seu viver cotidiano. Através do brincar e da experiência da escuta desta narrativa brincante, a daseinsanálise abre um lugar para livre expressão das dores da exis-

tência da criança, respeitando o ritmo e o curso da própria experiência infantil. Portanto, a clínica infantil é um pensar a relação entre a criança em seu viver e o que está diante dela, colocando em evidência suas próprias questões. Além de propor formas de ajudar a criança e sua família na travessia de momentos difíceis da existência, fornecendo um canal de entendimento de sua maneira de se relacionar na vida.

André Luiz Ramalho da Silveira

### **Possibilidade existencial e comportamento intencional em Heidegger**

Na elaboração da ontologia fundamental em *Ser e Tempo* (1927), cujo objetivo é reelaborar e responder a questão sobre o ser e o seu sentido, Heidegger oferece uma interpretação formal sobre o sentido de ser. Mediante essa investigação, Heidegger apresenta como condição necessária para a ontologia fundamental a análise ontológica sobre o ser-aí humano, chamada de analítica existencial. Tendo em vista que o ser-aí é essencialmente compreensão de ser, todo seu comportamento constitui-se como um projetar-se estruturado temporalmente para possibilidades. Na preleção *Problemas Fundamentais da Fenomenologia*, também de 1927, Heidegger apresenta a intencionalidade como característica central da existência. Em termos fenomenológico-hermenêuticos, todo comportamento significativo e descobridor tem como condição de possibilidade o caráter ekstático-horizontal da temporalidade e o fato do ser-aí mesmo transcender (GA 24, p.379). É neste sentido que o comportamento do ser-aí para com os entes é caracterizado por ser intencional, pois Heidegger apresenta a intencionalidade como aquele aspecto do “ser se comportando junto ao ente” (GA 24, p. 224). Na medida em que a intencionalidade é fundada na temporalidade, a compreensão é já intencional. Neste sentido, ao apresentar o modo de ser do ente ser-aí como *existência*, em uma indicação formal, isso quer dizer: o ser-aí é enquanto poder-ser compreensivo aquele ente que em tal ser está em jogo o seu próprio (GA 2, p. 307). Esta definição intencional mostra a existência não enquanto definida de antemão pela efetividade, mas sim como poder-ser. Por conseguinte, o objetivo da presente contribuição é apresentar como essa característica expressa um dos pontos centrais do conceito de existência elaborado por Heidegger, qual seja, que existência é possibilidade existencial finita.

André Prock Ferreira

## O fenômeno da decadência

Em *Ser e Tempo* (1927) Heidegger visa à recolocação da questão sobre o Sentido do Ser por meio da analítica existencial do *Dasein*. Tal análise, segundo o autor, não deve ser realizada partindo de uma determinada ideia de existência. Ao contrário, a analítica existencial deve ser realizada a partir da condição em que esse ente na maior parte das vezes se encontra, a saber, na *cotidianidade mediana*. O *Dasein* é compreendido como *ser-no-mundo* – um ser lançado no mundo e que tem de realizar as suas possibilidades. As possibilidades (*poder-ser*) são as *ocupações* que cotidianamente no âmbito do *Mundo Circundante* esse ente se encontra circunscrito. Assim, essa “cadência” na qual o *Dasein* se encontra cotidianamente é compreendida por Heidegger como *Decadência*. Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo apresentar como o fenômeno da *Decadência* e seus constituintes são um modo possível de afetividade com o mundo e no mundo.

Andrés Gatica Gattamelati

## La Metontología y la Dimensión Existencial em *Sein und Zeit* (*Metontology and the Existential Dimension in Sein und Zeit*)

The main aim of this paper will be to investigate Heidegger's concept of Metontology as a transformation of the fundamental-ontological problematic in direction to what Heidegger called in 1928 “the ontic metaphysics”. The key to *Being and Time*'s incompleteness and also to what Heidegger had labeled in the years 37/38 “the self-critique of *Being and Time*”, is heavily dependent upon the clarification of the turn [*Kehre*] that Fundamental Ontology experiences towards the end of the 20s, and which anticipates the *second beginning* of the 30s. We will argue that contrary to the extended view, the first version of the *Kehre*, which in the *End of Philosophy and the Task of Thinking* Heidegger had labeled as the “immanent critique of *Sein und Zeit*”, was the turn toward Metontology. The main focus of this paper will be, therefore, to offer a reconstruction of Metontology as a counterbalance to the dominant transcendental reading to which *Being and Time* has been subjected from its appearing in 1927. We will argue that the fundamental-

ontological project was itself guided by a *factic-existentiell* ideal of a *transformative* nature that recognized in its true stature, would put an immense pressure on the typically transcendental reading of *Sein und Zeit*. This transformative character, due to the essential co-belongingness of method and theme, will be taken as to explain the project's turnabouts not in terms of failure, but on the contrary as transformation. Only the recognition of the transformative nature of Fundamental Ontology, derived from the appropriate and transformative aspects of the *existentiell* dimension of existence can do justice to the proper dynamics of Heidegger's thought in its concrete arc, ranging from the *Ur-Transcendenz* of *Being and Time* towards the historical disclosedness of Being in the *Contributions* and beyond.

Antônio Máximo Ferraz

### Ereignis; o acontecer poético-apropriante em Martin Heidegger e Alberto Caeiro

Nascidos com apenas um ano de diferença, Martin Heidegger (1889 – 1976) e Fernando Pessoa (1888 – 1935) não são contemporâneos apenas na linearidade temporal. O pensamento poético do filósofo alemão e poeta pensante do escritor português empreendem, cada um a seu modo, uma reflexão sobre o mesmo: o Ser. A exigência de tal reflexão não vem de idiosincrasias: ela é subministrada pela época em que vivemos, dominada pelo subjetivismo, isto é, a redução das coisas à determinação do homem convertido em sujeito, a qual ambos procuram superar. Para Heidegger, tal superação se dá pela recolocação da questão do Ser, que percorre toda sua obra. Pessoa, por seu turno, através da poética do fingimento e da heteronímia, contorna o subjetivismo reinante apresentando o humano como um projeto ontodialógico em que diferentes personagens, inclusive ele próprio, o ortônimo, se mostram como distintas realizações do Ser. A vertente comunicação tem por objetivo estabelecer um diálogo entre Heidegger e Pessoa, apresentando como o fenômeno do *Ereignis*, concebido pelo pensador alemão como acontecer poético-apropriante, se manifesta na poesia de um dos heterônimos, Alberto Caeiro, o mestre não somente dos demais personagens da obra pessoana, mas do próprio Pessoa. Heidegger procura contornar, através da noção de *Ereignis*, uma determinação essencialista do Ser, típica da tradição metafísica. Ainda que de modo diferente, Caeiro, em

seu poema mais emblemático, “O Guardador de Rebanhos”, realiza o mesmo, empreendendo uma intensa crítica à tradição ontoteológica ocidental. Ambos rejeitam tanto a entificação do Ser quanto a dicotomia metafísica entre essência e aparência, essência e existência. Neste sentido, Caeiro apresenta o humano, ao longo do poema, não como aquele que determina subjetivamente o Ser. Ao contrário, ele figura o homem como doação do Ser, o qual se dá como acontecer poético-apropriante conjugado pelo Tempo.

Bruna Ferreira Santos; Carolina Moura Dias; Ana Cecília Ferreira

### **Filho com câncer: a vivência da dor materna diante do sofrimento e da iminente possibilidade da finitude**

O câncer é considerado uma patologia devastadora, confronta a pessoa adoe-cida e os familiares com a condição de finitude. As internações, os exames e as consultas são fatores que passam a participar da rotina da pessoa oncológica. Quando essa patologia atinge uma criança, torna-se ainda mais temível, uma vez que está relacionada à iminência de morte de alguém que está na vida com vitalidade e rumo ao crescimento. Desde o diagnóstico, tanto a criança como seus familiares vivenciam um misto de sentimentos, sendo acometidos pelo medo do presente e do futuro, pela angústia, desesperança, estresse e frustrações. Eles vivem intensas emoções, de um lado são assaltados por temores e de outro, tentam manter viva a esperança, apegando-se a fé, suporte necessário para os pais apoiarem o filho enfermo. Embora a família toda seja envolvida nesse processo de adoecimento da criança, a mãe, geralmente, é a cuidadora principal. Uma criança enferma precisa de atenção especial, por isso a mãe abdica de seus afazeres para atender às suas necessidades em tempo integral, o que afeta a organização familiar. O modo como a mãe compreende e enfrenta a enfermidade do filho influencia diretamente no modo como o mesmo o fará. Visto que no adoecimento do filho a mãe está atrelada e atravessa com ele todos os momentos restritivos e dolorosos do tratamento, é fundamental voltar a atenção às suas próprias vivências neste contexto adverso. Logo, o presente trabalho objetiva compreender a vivência materna diante do adoecimento e tratamento do filho oncológico. Realizou-se uma pesquisa de campo, utilizou-se o método qualitativo e os dados foram analisados e interpretados segundo a abordagem fenomenológico-existencial. A presente pesquisa ocorreu no Hospital Regional do

Câncer de Passos – MG (HRC) e constituiu-se de mães de crianças oncológicas na faixa etária de 5 à 10 anos em tratamento ativo. No período de investigação, 4 mães participaram da pesquisa. Foi realizado um encontro com cada mãe, no qual realizou-se uma entrevista semiestruturada e três encontros junto à criança. Observou-se diante do diagnóstico que as mães demonstraram incredulidade, medo, sentimentos predominantemente negativos, descrença e por fim, conformação e atitude resignada para ajudar o filho. No decorrer do tratamento, as mães tentam manter o pensamento positivo, mas são surpreendidas pelos imprevistos da doença, que despertam o sentimento de impotência. As maiores dificuldades apresentadas por elas foram lidar com a rotina hospitalar, com a incerteza diante dos resultados dos exames e remissão dos sintomas e presenciar o sofrimento do filho. O futuro é ameaçador, a fé aparece como algo positivo e auxílio diante da antevisão do pior que está por vir. A atmosfera afetiva da angústia domina e o maior temor: a perda do filho. O sentido do adoecimento para essas mães é vivenciado como algo tão grande e assustador, visto como uma prova incompreensível pela qual Deus as faz passar. O viver dessas mães está interrompido, não há futuro sem a cura de seus filhos, a vida está profunda e dolorosamente enferma.

Bruno Lemos Hinrichsen

### **A transcendência como um fora aberto: para além da intencionalidade e do sujeito encapsulado**

O problema da intencionalidade é estruturante e importantíssimo para a fenomenologia desde Husserl. Entretanto, há de se destacar que no pensamento de Heidegger (particularmente quando de sua analítica do ser-aí) ele fora ou superficialmente tratado ou, quiçá, rechaçado enquanto proposta e elemento fundante. Isso se dá em decorrência da tentativa de uma unidade constitutiva do ser-aí no fenômeno da transcendência, o que, entretanto, não é de todo claro, se bem que abundantemente discutido. Ademais, há de se pensar se existe um lugar para a intencionalidade e para a correlação intencional no pensamento fundamental ontológico heideggeriano; do mesmo modo, em havendo, deve-se questionar se ela é um fenômeno anterior, posterior ou, mesmo, simultâneo ao da transcendência, levando em consideração não apenas os textos do período imediatamente anterior

e posterior a Ser e Tempo, senão, outrossim, as sucessivas análises levadas a cabo por intérpretes. O problema é que, seja como for, quer em um modelo totalmente enclausurado cartesiano, quer no modelo intencional husserliano, o “eu” passa a constituir um espaço de imanência (epistemológica), o qual não parece estar presente sequer no período da ontologia fundamental – o que certamente é destacado em obras de Heidegger posteriores a 1930. Sendo assim, deve-se interpretar o “fora aberto” da transcendência como ser-no-mundo, tendo em vista um maior esclarecimento desse fenômeno e de suas implicações, conquanto é possível que ela não fique simplesmente adstrita ao problema da intencionalidade ou, ainda, da filosofia transcendental.

Carlos Roberto Guimarães

### **Considerações sobre o Acontecimento apropriativo**

Segundo Heidegger, a nossa época – notadamente caracterizada pela técnica - é regida pelo espírito da ciência moderna, ou seja, é ainda o desdobramento de um projeto ou destino de realidade que teve seu princípio a partir da idade moderna. Neste projeto de realidade os entes são iluminados ou, brotam, desde um destino, um envio que faz com que eles desvelem-se enquanto aquilo que está disponível. E mais: os entes não só brotam enquanto o que é disponível, como também, vigora, neste fazer-se disponível, uma requisição, uma provocação - endereçada ao homem - para serem, enquanto tais, utilizados, quer dizer, acatados em sua disponibilidade. Segundo Heidegger, este modo de desvelamento é regido, ou, digamos assim, enviado desde o acontecimento apropriativo. O acontecimento apropriativo é aquilo que, de alguma forma, possibilita que o homem e o ser de todo ente possível surjam sempre apropriados, um pelo outro, de modo a possibilitarem a consumação de um destino. O propósito deste trabalho é problematizar este misterioso acontecimento. Como o mesmo não pode ser demonstrado, nos esforçaremos por vislumbrar seu vestígio procurando compreender como se consuma, em nossa época, esta mútua apropriação de homem e ser.



Deborah Moreira Guimarães

## **Verdade como topologia do ser: acontecimento apropriador, fundamento e linguagem**

A concepção da verdade como topologia do ser insere-se no contexto da virada heideggeriana, uma vez que a pergunta diretriz de *Ser e tempo* pelo sentido do ser cede lugar, nas *Contribuições à filosofia (Do acontecimento apropriador)*, à pergunta pela verdade do ser. O opúsculo “A essência da verdade”, de 1930, marca o início dessa passagem por meio da afirmação de que a essência da verdade deve ser buscada na verdade da essência. Nesse sentido, a virada consiste em um aprofundamento vertical na concepção de verdade antepredicativa como questionamento daquilo que Heidegger denomina primeiro início do pensamento, reafirmado sistematicamente pela tradição ontológica, enquanto “metafísica da presença”, e pela tradição ontoteológica, com seu ideal de fundamento absoluto. Como forma de questionamento desse primeiro início, responsável pela sustentação de uma metafísica baseada no ser como presença e permanência, Heidegger ressalta a importância da linguagem em sua articulação com o acontecimento apropriador e com o seer, apontando para uma concepção da linguagem como morada do ser. Da linguagem como morada surge a noção de clareira como lugar da essenciação da verdade do seer. É na clareira que se dá o duplo movimento de apropriação que conduz o ente humano a orientar-se a partir de seu *aí*, de seu mundo enquanto espaço pleno de significatividade e de abertura a inúmeras possibilidades de ser. Nesse acontecimento historial, o *Dasein* é requisitado pela história do ser a apropriar-se de si em sua transcendência originária. Somente por meio da apropriação de sua essência e da verdade que nela se manifesta, o ser humano será capaz de compreender sua facticidade sem recorrer a fundamentos atemporais. Logo, investigaremos o fundamento da linguagem tendo em vista as determinações metafísicas do ente que fizeram da metafísica uma história de encobrimento do ser.

Gilvanio Moreira Santos

## **Um outro começo de sentido para um novo sentido de começo e começo de sentido**

O trabalho pretende se debruçar sobre algumas das obras fundamentais do

filósofo Martin Heidegger, no sentido de problematizar as noções de filosofia como ciência e visão de mundo. Para o pensador, nesse movimento pendular onde a filosofia é vista ora como pretensão de ciência, ora como visão de mundo, instala-se uma dubiedade. Esta se mostra, segundo Heidegger, quando, por um lado, a filosofia é vista como ciência e, por isso, confundida com os seus modos de operar para atingir um conhecimento “válido”, acabado e definido e, por outro, como visão de mundo, onde mundo, por ser “governado” pelas verdades absolutizadas da ciência, também está contaminado por esta. Assim, o artigo em questão pretende se perguntar por uma filosofia que nem seja ciência, nem visão de mundo pautado pela ciência. Pensar um outro começo de sentido para um novo sentido de começo, neste caso, dar-se como um meditar sobre um deixar penetra no essencializar das elevações e *afinações afetivas* (*Befindlichkeit*) fundamentais, abertas pela existência para o ser-no-mundo; é o de demorar junto às coisas e delas conseguir falar de modo mais profundo, contínuo, simples e duradouro. Outrossim, aqui, filosofar dá-se como um acontecer-apropriador. Nesse acontecer, o *dasein* apropria-se do fundamento máximo da transcendência, esta é a temporalidade em essência. Nisto, o tempo é o que se reescreve como pergunta fundamental com a qual se determina o horizonte de compreensão da transcendência. Assim, repensar o que significa filosofia e filosofar se dá no sentido de meditar sobre as essenciais noções de cuidado (*Sorge*), temporalidade e transcendência.

Giovani Augusto Santos, Émerson Domingues Silva

## **A Angústia na Clínica Daseinsanalítica: Contribuições de Martin Heidegger, Medard Boss e Ana Feijoo**

O presente trabalho busca compreender a atuação clínica no que se refere à angústia, mais especificamente no atendimento psicoterápico com base no referencial teórico Fenomenológico-Existencial, fundamentado no pensamento do filósofo Martin Heidegger. Como caminho metodológico utilizou-se a revisão narrativa de literatura. Sendo assim, o primeiro passo foi buscar na filosofia de Heidegger (2015) como o *Dasein* encontra-se de início e na maior parte das vezes, ou seja, na cotidianidade mediana, fugindo de si mesmo para uma vivência imprópria de sua existência. A partir disto, compreendeu-se os modos como o *Dasein* se encontra afinado com o mundo, ou seja, as tonalidades afetivas. Mais especificamente resgatou-se a angústia como

disposição fundamental do Dasein, que lança-o diante de sua indeterminação, de seu poder-ser originário (HEIDEGGER, 1991). Isto posto, o segundo passo foi revisar o conceito de angústia na Daseinsanalyse clínica de Medard Boss, que teve por arcabouço teórico a filosofia de Heidegger (HEIDEGGER, 2001). Boss formula em sua Daseinsanalyse, que o Dasein adoce à medida que vivência a angústia e a culpa, estes fatores tornam o existente ser-doente, ou seja, para Boss (1981), a angústia é restrição de possibilidade, ou seja, é patológica. Sendo assim, Boss (1981), propõe como principal objetivo da psicoterapia eliminar a angústia do paciente, promovendo a confiança, o abrigo e o amor. Nota-se neste ponto um distanciamento entre o pensamento de Boss e Heidegger (KAHLMEYER-MERTENS, 2014). Como terceiro passo, tendo em vista esta diferenciação, buscou-se autores que compreendem a angústia em contexto clínico não como característica de ser-doente ou limitação do Dasein, mas como forma de possibilitar a abertura do Dasein ao ser-no-mundo de forma própria (FEIJOO, 2011; SILVA, 2016). Uma destas autoras é Ana Feijoo. Feijoo (2011), propõe uma clínica daseinsanalítica na qual o que está em jogo é romper com os padrões sedimentados do modo de ser na cotidianidade, possibilitando o despontar das tonalidades afetivas fundamentais, restituindo ao Dasein seu poder-ser próprio, tendo em vista seu horizonte hermenêutico. Nesta perspectiva, a angústia é pensada em encontro com o pensamento de Heidegger, ou seja, como tonalidade afetiva fundamental, sendo estas disposições que esvaziam o mundo de sentidos, o que poderia indicar uma inviabilidade da existência, entretanto, são estas situações limites, como a angústia, que possibilita ao Dasein o seu poder-ser originário, lançando-o na clareira das possibilidades existenciais (FEIJOO, 2011). Ainda Feijoo (2011), destaca que Heidegger acreditava ser tarefa do filósofo promover as tonalidades afetivas fundamentais, entretanto, a autora acredita que esta tarefa cabe também ao psicólogo, e mesmo que não seja possível a este profissional despertar as tonalidades afetivas fundamentais, ao menos, este não deve facilitar seu adormecimento. Ora, percebe-se uma diferenciação no modo como Boss e Feijoo manejam a angústia clinicamente, não obstante ambos fundamentam-se na filosofia heideggeriana em seus atendimentos psicoterápicos. Pode-se concluir a existência de duas formas de se atuar clinicamente com pressupostos heideggerianos: uma que compreende a angústia como patológica e busca sua eliminação através do abrigo, confiança e amor – a Daseinsanalyse de Boss; e a outra que, entendendo a angústia como tonalidade afetiva fundamental, busca a promoção da angústia na psicoterapia – a clínica com fundamentos daseinsanalíticos de Feijoo.

Giovanni Jan Giubilato

## El proyecto de una meta-política en los *Cuadernos Negros* de Heidegger: pregonero de lo simplemente ente o silenciador del ser?

En el complejo paisaje filosófico del pensamiento onto-histórico [*seinsgeschichtlich*] – o pensamiento del “acontecimiento apropiador” [*Ereignisdenken*] – de Martin Heidegger, la nueva temática de una “metapolítica” ocupa una posición absolutamente peculiar, representando uno de los desafíos más actuales e urgentes para todos sus intérpretes e lectores. El término proviene de los discutidos *Cuadernos Negros*, que tanto escándalo y debate han causado (y siguen causando) en la comunidad académica mundial. Es precisamente a esta obra particular, de difícil lectura e interpretación, que Heidegger confía sus pensamientos más íntimos respecto a la necesidad de acabar con la filosofía para preparar algo completamente diferente: la “metapolítica del pueblo histórico”. Concebida como una ampliación y profundización de la “metafísica del Dasein”, nombre que definía el proyecto filosófico de Heidegger a finales de los años `20, la concepción metapolítica heideggeriana responde a la “incumbencia” o al “encargo” [*Auftrag*] del pensamiento del ser de pensar y preparar un renovado “empoderamiento del ser” [*Ermächtigung des Seins*], es decir la “liberación del poder del ser mismo” en la dimensión de la historicidad, contrastando su decaimiento y desautorización [*Entmächtigung*] en la época moderna. La presente contribución se propone de 1) aclarar el estatuto hermenéutico y filosófico de los *Cuadernos Negros*; 2) exponer el concepto de “metapolítica” y esclarecer críticamente su problemática relación con la “historia del ser” y el pensamiento del “acontecimiento apropiador”.

Irlim Corrêa Lima Junior

## Transcendência e intencionalidade na essência da *tékhne*

A fonte primária de nosso estudo será as preleções de Heidegger que foram ministradas na década de 30 e posteriormente publicadas sob o título de *Metafísica de Aristóteles θ 1-3: sobre a essência e a realidade da força*. Nesse texto, o filósofo alemão debruça-se sobre os capítulos cruciais da *Metafísica* de Aristóteles, os quais versam a respeito do conceito de *dýnamis*, termo que admite

traduções diversas: poder, potência, possibilidade, capacidade, força... Revisitando o filósofo grego, Heidegger repete o gesto intelectual que empreendeu em suas obras anteriores de delinear uma hermenêutica da metafísica, destringendo, principalmente, a interpretação de ser que subjaz ao complexo conceitual do pensamento metafísico, o que permitiria não apenas uma compreensão mais essencial dos seus passos e destinos decisivos, mas também ofereceria caminhos para sua superação. Especificamente o interesse de Heidegger em tal passagem de Aristóteles recai justamente sobre a reviravolta que Aristóteles opera em termos de apreensão da forma grega clássica de interpretação do ser e da reconfiguração que ela promove. Divergindo de Platão, para quem a realidade das ideias antecede à produção dos entes, e em confronto direto com os megáricos, os quais, esteados na filosofia dos eleatas, admitiam apenas a realidade da execução ou do ato (*enérgeia*), inviabilizando qualquer espécie de movimento e de devir, Aristóteles confere o primado do ser e da realidade à *dýnamis*, força, poder ou potência, sem a qual a própria essência da *enérgeia* não é passível de ser descoberta. Fundamentando-nos nas análises de Heidegger da *dýnamis* aristotélica, será a intenção de nosso trabalho expor como que operam nessas reflexões os conceitos heideggerianos de transcendência e de intencionalidade, como elementos que revelam a estrutura, a configuração e a essência da *tékhne*, a fim de compreendermos o horizonte de interpretação metafísica do ser e do devir enquanto produção (*póiesis* / *Her-vor-bringen*).

Ísis Nery do Carmo

## Pensando a liberdade a partir da técnica em Heidegger

O objeto da nossa comunicação está localizado na relação entre técnica e liberdade – conceitos que perpassam os dois momentos da obra heideggeriana, em textos da chamada primeira fase e também em alguns textos das décadas posteriores a *Ser e Tempo*. A nossa questão surge no contexto das afirmações do autor de *A Questão da Técnica* que apontam para o caráter irresistível do domínio ilimitado da técnica que atinge não apenas o mundo mas também o homem, ao mesmo tempo em que nos convoca, surpreendentemente, a buscar um “relacionamento livre” com a mesma. Pensando além da noção instrumental ou antropológica da técnica, Heidegger compreende o domínio técnico como um modo de ser, isto é, a técnica é a verdade de nosso tempo posto que é desvelamento epocal de ser, o que quer

dizer que ela é o acontecer do ser a partir da era moderna. Tal modo de ser se impõe derrubando as barreiras entre homem e mundo, ao transformá-los em combustível para o seu engrandecimento e é nesta diluição do ser-homem que encontramos o nosso problema: se o homem é essencialmente livre, ou seja, se ele é abertura para modos de ser, como afirmou o filósofo em diversos momentos da sua obra, nos parece que o desvelamento técnico se configura como uma ameaça à própria existência, logo, precisamos descobrir se a liberdade é uma possibilidade na era da técnica.

João Bosco Batista

### **Liberdade e transcendência na estrutura do *Dasein* como ser de possibilidades**

Como procedimento metodológico de nossa pesquisa, optamos pelo recorte da fase da obra do autor – 1929 – quando a *Kehre* (virada) no pensamento de Heidegger começa a se evidenciar. Tomaremos como textos basilares e catalisadores da problemática, os ensaios *Sobre a essência do fundamento* e *Que é metafísica?*, ambos de 1929. O problema da liberdade encontra-se inserido no contexto mais amplo da ontologia ou da *Seinsfrage*. Por meio da hermenêutica de cunho ontológico-existencial, o pensador alemão apresenta uma perspectiva inusitada da transcendência e da liberdade como explicitação da constituição ontológica do *Dasein* ou do homem como ser-no-mundo, deslocando-a da visão da metafísica. A liberdade é a expressão por excelência da transcendência humana no mundo. O sentido do ser do homem se dá na unidade indissociável de existência, transcendência e liberdade. Tal dinâmica unitária é o que determina ontologicamente o ser do homem no mundo. Em sua nova abordagem, Heidegger supera o conceito substancialista e subjetivista de liberdade. A liberdade se mostra em sua abissalidade (*Abgrund*), como responsabilidade do homem enquanto poder-ser diante de possibilidades. O caráter abissal da liberdade deve ser entendido como a abertura sempre possível da transcendência

Marcio Messias Gomes da Silva

## **Liberdade política e autenticidade dos valores políticos do povo em Heidegger**

Através do ser entramos em contato com o histórico, a temporalidade que em Heidegger assume papel decisivo para a verdade do ser, pois, é através desse horizonte temporal que o ser toma consciência de si como indivíduo e tem a escolha, a possibilidade de mudar o contexto de sua existência. A mudança em Heidegger deve ser entendida como luta. Seguindo Heráclito, a guerra é o pai e a mãe de tudo, a essência do mundo é combate, é a essência do Ser. É através da luta “que se constitui a essência e vigência do ser de tal modo que atravessa todo o sendo com um caráter de decisão”. Diante do contexto histórico da década de 30 do séc. XX, o apelo de Heidegger se volta à reflexão do povo germânico sobre seu próprio destino. Para ser livre é preciso que se lute, lutando virá um novo modo de ser (possibilidades), resultando em autenticidade. Libertos dos valores falsos que o dominam, os valores do estrangeiro, que é o estranho e o outro, o povo histórico encontrará seu destino e sentido de existência histórica política, mas é preciso determinação para a luta. Entendemos que o indagar existencial e a disposição de luta reivindicados por Heidegger para os alemães, vale para todo povo que queira fugir da inautenticidade dos valores que não são seus, mas projetar sua metapolítica, descobrir seus próprios valores no horizonte histórico de luta por sua própria existência, descobrindo seu ser como povo histórico.

Marília Mendonça de Souza Leão Santos

## **Tomar chão – humor como condição transcendental da intencionalidade**

Este estudo científico-filosófico visa a discutir o liame entre o existencial *disposição afetiva* [*Befindlichkeit*] e os fenômenos intencionais, interpretados por Martin Heidegger como uma estrutura ontológico-existencial que perfaz o próprio ser do ente que eu mesma sou: *cuidado* [*Sorge*]. Essa expressão formal indica o ser de um complexo estrutural que, como *ser-no-mundo*, tem como característica fundamental ser, sempre e a cada vez,

direcionado *para...*, *ser-em-função-de...*, e, somente por isso, o seu modo de ser é designado por M. Heidegger como existência: estar fora de si; a saber, adiante de si-mesmo, em um mundo e junto ao ente: *intentio*. Em um primeiro momento, parto da acepção husserliana de intencionalidade com vistas à configuração deste conceito fenomenológico em sua versão ontológico-existencial para, em seguida, discutir o estatuto ontológico dos humores no que tange aos atos intencionais – crenças, desejos e outras maneiras do ser-aí ser-junto-a(o) ente que intramundaneamente lhe vem ao encontro.

Rebeka de Paula Gomes da Silva

### **Relato de experiência do brincar em situação de rua: ressonâncias heideggerianas e winnicottianas**

O brincar na Psicanálise winnicottiana não trata meramente de um jogo enquanto manipulação de objetos ou espaços de representação mas se coloca como uma via que possibilita aos sujeitos lidarem com quem são, ou seja, com seus conflitos, suas angústias, suas crenças, sua cultura, sua história pessoal e, sobretudo, sua capacidade criadora. As brincadeiras podem servir como um espaço transicional que favorece a apropriação do sujeito do seu próprio existir e possibilitam o alojamento do ser humano no mundo. Ao lidarmos com pessoas situação de rua, somos lançados no enredo de existências marcadas por privações das mais diversas ordens, que ressoam na condição psíquica do sujeito e no seu lugar de invisibilidade política. Tais carências não devem ser compreendidas como variáveis que, necessariamente, produzem um fracasso desses indivíduos, fadando-os a um futuro, decerto, desastroso. Ao invés, devem ser compreendidas como aspectos que nos convoquem a pensar em estratégias que viabilizem a criação de um ambiente favorável para existir – apesar das inevitáveis contingências. Neste sentido, pretendemos compartilhar e refletir sobre uma experiência do brincar com pessoas em situação de rua em uma ação realizada no Dia das Crianças, na Praça Maciel Pinheiro, Cidade Metropolitana do Recife, a partir das noções do brincar e do espaço transicional do psicanalista britânico Donald Winnicott e da noção de ser-no-mundo do filósofo alemão Martin Heidegger. Esta vivência desvelou que a capacidade de criarmos nossa prática pode possibilitar, para além de ambientes marcados por privação, uma esperança que não espera mas que nos faz caminhar; como já apontava



o psicanalista Zeferino Rocha. Assim, o “cabo de guerra” da existência nas ruas transita pelas brincadeiras infantis, conclamando pessoas, de todas as idades e gêneros, a recordarem de quem, no cerne de sua história pessoal, elas de fato são.

Rodrigo Rizério de Almeida e Pessoa

### **Intencionalidade e transcendência: o *ser para fora* do Dasein**

Em seu curso do semestre de verão de 1927 *Os problemas Fundamentais da Fenomenologia*, Heidegger se propõe apresentar os problemas fundamentais da fenomenologia mediante o exame daquilo de que a fenomenologia trata. Identifica, desde logo, a fenomenologia com filosofia científica, e para mostrar o caráter científico da filosofia elenca alguns problemas particulares. Entre eles está a tese de Kant sobre o ser. Examinando essa tese, esclarece que Kant interpreta a existência como percepção. Percepção para Heidegger significaria, porém, um *dirigir-se para* aquilo que é percebido. Ora, à estrutura desse *dirigir-se para* ele denomina de intencionalidade. A intencionalidade, contudo, não surgiria no sujeito pelo imergir do objeto, como se o sujeito isolado fosse sem intencionalidade. Ao contrário, o sujeito é em si estruturado de modo intencional, o que também significa: está sempre ekstaticamente *dirigido para...* A intencionalidade seria, pois, uma determinação essencial do sujeito. Mas como as vivências se relacionam com o que está fora do sujeito, o objeto, isto é, como explicar a transcendência? Em outras palavras, como o eu com suas vivências pode sair da esfera dos atos intencionais e assumir uma relação com o mundo? Isso significa também perguntar: como é possível a transcendência? É justamente criticando a compreensão comum de fenomenologia, na medida em que ela fecharia os olhos para os fenômenos, entendendo-os como subjetivos, que Heidegger afirma então que a intencionalidade está sempre dirigida para o ente lá fora. Dessa maneira, a intencionalidade já constituiria o que ele entende por transcendência. Pois bem, o trabalho a seguir visa precisamente discutir a relação entre intencionalidade e transcendência no contexto do curso citado, com o que se tornará clara ao mesmo tempo a ruptura com a noção de intencionalidade própria de Husserl e também, por conseqüência, o modo característico como Heidegger entende a fenomenologia.

Silvio Carlos Marinho Ribeiro

### ***Verweisung* e *Bedeutung*: mundo e significação em ser e tempo**

O tema do presente trabalho é o conceito de significação em *Ser e Tempo*. As questões básicas que temos em vista estão relacionadas à pergunta sobre o modo como Heidegger interpreta o fenômeno da significação e sobre o seu sentido e função no contexto da ontologia fundamental. O conceito de significação consiste em um fenômeno estrutural que reflete a o caráter unitário da estrutura do ser-no-mundo de tal modo que pressupõe e depende dos dois momentos básicos dessa estrutura, a saber, abertura e mundo. De início, Heidegger descreve a significação a partir da estrutura do mundo como tal. Ora, segundo Heidegger, o mundo não é a totalidade de coisas ou indivíduos, mas totalidade de conexões de relações de *Verweisung* (remissão/referência) que, em função da familiaridade do *Dasein* com o envolvimento de algo com algo em algo (*Bewandtnis*), *significam* (*bedeuten*). A totalidade de relações de significar é a significatividade (*Bedeutsamkeit*). “Significar”, aqui, tem o sentido de algo *que indica ou mostra* algo. Esta relação de indicação (*zeigen*) tem o signo ou sinal (*Zeichen*) como ente exemplar. A estrutura ontológica do signo, explicitamente instituído pelo *Dasein* para mostrar algo como algo, portanto, pressupõe as conexões de relações de *Verweisung*. Vale ressaltar que signos “significam” no sentido mais explícito, mas não são necessariamente lingüísticos, embora não excluam fenômenos lingüísticos. Os signos abrangem desde fenômenos como vestígios e sintomas até relações entre fenômenos naturais como entre a fumaça e o fogo ou o vento e a chuva. Com efeito, a condição de possibilidade ontológica do signo, da palavra e da língua (*Sprache*) é a significatividade e, portanto, o significar enquanto caráter ontológico das relações de *Verweisung*.

Taciane Alves da Silva

### **Afetividade e mundo: Heidegger e a finitude da existência humana**

É no fenômeno da disposição afetiva ou da *Befindlichkeit*, como um existencial que, junto à fala (*Rede*) e à compreensão (*Verstehen*), constitui a abertura do ser-no-mundo do *Dasein*, que Heidegger, no § 29 de *Ser e tempo*, fundamenta

a possibilidade de a existência humana se encontrar situada em meio ao ente, cujo desvelamento em sua totalidade é presidido pelo mundo. Por meio da disposição, o mundo, como o horizonte transcendental de significância em que estão estruturados os projetos e possibilidades da existência humana, se abre como o âmbito ao qual esta última sempre está entregue e pelo qual é afetada segundo diferentes estados de ânimo, sentimentos ou emoções. É em virtude desta abertura, por sua vez, que a descoberta dos entes sempre se dá numa situação concreta revelada pelo estado de ânimo (*Stimmung*), que determina o modo como o *Dasein* entra em sintonia ou em afinação consigo, com as “coisas” e com os outros. A disposição afetiva e o estado de ânimo indicam um elemento fundamental da constituição existencial da abertura (aí, *Da*) do ser-no-mundo do *Dasein*: sua finitude, seu ser-lançado (*Geworfenheit*) ou sua facticidade. Isto porque as estruturas da *Befindlichkeit* e da *Stimmung* situam o *Dasein* num mundo ao qual ele, independentemente de sua decisão, está “passivamente” ou afetivamente exposto e que nunca pode constituir de forma espontânea. Tendo em vista que a condição finita da existência humana se manifesta, sobretudo, no fenômeno da afetividade e que a principal função desta última é descobrir a totalidade da experiência do *Dasein* no mundo a partir da *Geworfenheit*, o objetivo de nossa proposta de comunicação é esclarecer em que consiste esta finitude, bem como determinar qual o estatuto por ela apresentado no *leitmotiv* do projeto de *Ser e tempo*: a *Seinsfrage*.

Tales Augusto Queiroz Tomaz

### **Intencionalidade em Heidegger e na pós-fenomenologia: reflexão sobre semelhanças e diferenças conceituais**

Em *Problemas fundamentais da fenomenologia*, Heidegger propõe uma interpretação para a intencionalidade em consonância com sua tese sobre o *Dasein*. Seu objetivo é apontar a fragilidade da dicotomia sujeito-objeto. Tal dicotomia teria se enraizado no pensamento moderno, o que alimenta a crítica heideggeriana do procedimento técnico-científico. Desde então, diversos pensadores têm sugerido que, embora a superação da dicotomia sujeito-objeto seja uma necessidade, a abordagem de Heidegger em relação a ciência e tecnologia seria excessivamente monolítica. Assim, surgiram tentativas de reconciliar a crítica da dicotomia sujeito-objeto com a técnica, cujo representante mais conhecido talvez seja Bruno Latour. Uma ver-

tente menos abordada no Brasil é a pós-fenomenologia, liderada por Don Ihde, que tem como um dos expoentes mais ativos Peter-Paul Verbeek. Verbeek reconhece o legado da abordagem de Heidegger, mas defende que é preciso avançar para além do romantismo do filósofo alemão na reflexão sobre a tecnologia. Ele propõe uma reconceituação da relação intencional que, ao ser mais radical na superação da dicotomia sujeito-objeto, integraria tecnologia como momento essencial da relação com o mundo, em vez de descartá-la como alienação. Mas em que medida o conceito de intencionalidade da pós-fenomenologia, conforme abordado por Verbeek, é realmente diferente do de Heidegger? O objetivo deste texto é avaliar as semelhanças e diferenças entre ambas as abordagens no que tange à intencionalidade. Conforme espera-se demonstrar, a perspectiva de Verbeek e da pós-fenomenologia é interessante e enriquecedora, mas a maior parte das diferenças sugeridas decorrem de interpretações muito estreitas da obra de Heidegger. A tese é que, com uma compreensão mais ampla do sentido pretendido pelo filósofo alemão, os “avanços” da conceituação pós-fenomenológica da relação intencional praticamente desaparecem, pois já estariam contidos na abordagem inicial.

Thayna M. dos S. de Santana

### **O papel dos afetos na superação da metafísica da subjetividade, à luz da análise heideggeriana**

A fenomenologia-hermenêutica, em detrimento de qualquer descoberta teórica sobre a compreensão dos objetos, tem como pretensão a exposição acerca de como nós em nossos comportamentos cotidianos já somos voltados ao mundo circundante. Heidegger rejeita a necessidade de um ego transcendental, pensando a coisa a partir do mundo prático ao invés da consciência (noção que foi substituída pela de abertura do ser-aí). A fenomenologia-hermenêutica distingue-se da husserliana no sentido de trazer sua “radicalização”, como coloca Ernildo Stein. Nela não há espaço para a suspensão da atitude natural (mundo da vida), como mostra Heidegger em *Ser e Tempo* (2014), a partir da máxima já contida nas obras de Husserl: “para as coisas elas mesmas!”. Nesta busca por um ponto de partida mais originário do que a dúvida cartesiana ou a dúvida metódica husserliana, Heidegger rejeita a ruptura entre a atitude natural e a fenomenológica,

porquanto qualquer comportamento do homem já traz em si a transcendência enquanto caráter projetivo do ser-aí: o homem (ser-aí) possui o modo de ser da existência e, por conseguinte, como ser-aí, está sempre para além de si mesmo. E enquanto ser-no-mundo, já não se adequam aqui as noções de sujeito e objeto, por implicarem em uma ideia de um “interior e exterior”. É dado, portanto, aos afetos um papel fundamental neste projeto filosófico, na medida em que Heidegger questiona as estruturas da filosofia e da própria Razão.

Vânia Lúcia Kampf

### **Experiência, transcendência e poesia: algumas considerações acerca da linguagem**

O presente artigo visa tecer algumas considerações acerca da linguagem a partir da compreensão de experiência (Erfahrung), transcendência e poesia. Entendemos que para Heidegger, a linguagem é a única senda para o resplandecer do ser no mundo, daí o pensamento essencial proteger e cuidar da palavra em sua origem. O pensador entende que o nomear do poeta também trilha o mesmo caminho que o pensar e se volta para a poesia por entender que o dizer poético se põem genuinamente de modo inaugural. Na poesia nos encontramos circunscritos à singularidade da palavra; há aí a transposição do ser do poeta para o horizonte de uma verdade. São os poetas aqueles capazes de ouvirem o silêncio do mundo e de verterem em palavras o testemunho da experiência desse encontro, pontes que buscam levar as margens do extraordinário ao ordinário. A tarefa do poeta é cultivar a palavra, e, nessa lida, dar a ver no dizer – como dizer e desde o dizer. Na poesia esse tornar visível, esse realizar presença, se dá enquanto e como palavra. Mas isso, somente se o poeta falar a partir da experiência da poética da palavra, a partir da possibilidade de ser tocado e tomado pela palavra como princípio de realidade, de geração. Se isso acontece, a palavra originária irrompida dessa experiência não é sinal, não é símbolo, não é referência, ela é a própria coisa, é o momento da gênese: lugar em que o nome e a coisa são uma só e mesma coisa, em um só e mesmo ato. Daí a compreensão de que a poesia habita na linguagem e que o poema é o seu estado mais puro – lugar em que a palavra é exemplarmente palavra.

## ORGANIZAÇÃO E APOIO



Sociedad  
Iberoamericana  
de Estudios  
Heideggerianos



SOCIEDADE BRASILEIRA DE  
FENOMENOLOGIA



INSTITUTO  
Dasein



Universidade Federal de Santa Maria  
1960



Universidade  
Estadual de Londrina



UNIFESP  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

GT-Heidegger  
ANPOF



FAPESP



CAPES



CNPq  
CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO  
CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO